

## LINS, LISPECTOR: UM ENCONTRO FELIZ DE CIRCUNSTÂNCIAS

*LINS, LISPECTOR: A HAPPY CONJUGATION OF CIRCUMSTANCES*

**Elizabeth Hazin<sup>49</sup>**

**RESUMO:** Esse texto pretende trazer à tona algumas considerações a propósito de uma escolha. Sim, porque se alguém elege um autor para tecer sobre a sua obra um pensamento crítico, é porque algo muito forte o conduz nessa direção. É sobre o que se pode refletir a respeito disso que escrevo aqui, não simplesmente querendo reproduzir os passos desse alguém, mas compreendê-los e interpretá-los, transformando essa possibilidade – a mim propiciada pela distância no tempo - em percepção mais aguda das opções estéticas daquele que constrói seu texto crítico sobre uma sua contemporânea. No caso, Osman Lins, autor pernambucano (1924-1978), escrevendo texto crítico sobre um conto de Clarice Lispector, autora ucraniana que cresceu e viveu no Brasil (1920-1977).

**PALAVRAS-CHAVE:** Osman Lins; Clarice Lispector; Crítica Literária; *Laços de Família*

**Abstract:** This text intends to bring up some considerations regarding a choice. Yes, because if someone chooses an author to weave a critical thought about his work, it is because something very strong has led him in that direction. It is about what can be reflected about what I write here, not simply wanting to reproduce someone's steps, but to understand and interpret them, transforming this possibility - given me by distance in time - into a more acute perception of options esthetics of those who build their critical text on a contemporary one. In this case, Osman Lins, a Pernambuco author (1924-1978), writing a critical text about a short story by Clarice Lispector, a Ukrainian author who evolved and lived in Brazil (1920-1977).

**KEYWORDS:** Osman Lins; Clarice Lispector; Literary criticism; Family relationships

Jamais pensei que esse pequeno ensaio tomasse o rumo que tomou, mas na noite em que deitei com o firme propósito de dar início - tão logo despertasse - à sua redação para enviá-lo a um periódico, tive um sonho instigante, espécie de sonho lúcido (sim, eu

---

<sup>49</sup> Doutora em Literatura. Pesquisadora Colaboradora Plena (PPG em Literatura da UnB). E-mail: ehazin555@gmail.com.

sabia que estava sonhando e que talvez esquecesse tudo aquilo) em que dizia para mim mesma, algumas palavras relativas ao assunto sobre o qual escreveria: “Uma só cidade e dois autores. O que os aproxima tanto? Há de se encontrar, caso se procure”. Tanto repeti as palavras (para não esquecer) que pela manhã, ao levantar, pude escrevê-las em um pedaço de papel largado sobre a mesa de cabeceira.

“Uma só cidade e dois autores”, para repetir a frase do sonho. Viveram no mesmo espaço e quase no mesmo tempo: não coincidiram por pouco, por muito pouco mesmo não se cruzaram pelas ruas e pontes do Recife, mas decerto terão mirado as águas do mesmo rio que o corta. Ele que tanto gostava de praças, deveria conhecer aquela em que ela morara por um tempo, na Boa Vista, de qualquer modo não tão distante da pensão onde anos depois – no mesmo bairro - ele viria a morar. Porque na vida muitas vezes as coisas vêm assim, aparentemente não coincidentes apesar de profundamente vinculadas, e se escondem sob a aparência de fragmentos. A sorte é que a literatura termina por desvelar o que se perdera, fazendo-nos conscientes do quanto nada é por acaso: antes, muitas coisas podem ser ditas, basta reunir os fragmentos dispersos (como ele fazia), de certo modo obedecendo ao meu sonho, como aprendi com ele. Ela nasce em 1920 e ele em 1924. Enquanto ela vem de longe e chega enfim ao Recife, aos três anos e meio (em 1924, quando ele vinha à luz), ele aí só chegaria (não vindo de tão longe, mas da cidade de Vitória de Santo Antão, a 50 km do Recife) em 1941, aos 16 anos, quando ela já estivesse distante, no Rio de Janeiro, para onde segue em 1934 com a família. Ambos começam muito cedo a escrever: ela aos 7, ele aos 8; pequenos contos começados por “Era uma vez...” ela, ele um poema intitulado “O beduíno regenerado pela lua”. O primeiro romance deles, eles escrevem com a mesma idade, por volta dos 22 (embora ele não tenha querido publicá-lo). Casam-se com a mesma idade, ela em 1943, ele em 1947. O pai dela era mascate e vendia peças de tecido para roupas; o dele, era alfaiate, costurava roupas com peças de tecido. Ela suportava o peso da doença da mãe que a levara quando a menina tinha apenas 9 anos e estava certa de que seu nascimento desempenhara papel importante no agravamento da saúde dela; ele perdera a sua aos 16 dias de nascido, por complicações do parto e ardentemente esperava que sua vida tivesse mérito suficiente para justificar a morte prematura de uma menina de 18 anos: ambos tiveram a vida

marcada por isso. Um dia, ambos escreveriam contos que falassem de suas avós (justo o conto dela que se transformou em crítica pelas mãos dele), uma avó que ela só conhecia de fotografia, enquanto a mãe dele nunca posara para uma e o deixou com essa espécie de claro, sempre em busca daquele rosto desconhecido. Morrem com apenas seis meses de diferença: ela em dezembro de 1977, no Rio, ele em julho de 1978, em São Paulo (para onde se mudara em 1961) e, ao ter notícia do desenlace dela, ele sentiu muito, dizendo que não suportaria uma morte assim, sem saber que seu corpo já trazia as marcas da mesma doença. Seus últimos romances publicados, o dela em 1977 e o dele em 1976, giram ambos em torno de um livro, tendo ambos esses livros protagonistas nordestinas pobres, ambas vítimas de um sistema social massacrante. Necessidade de resgate de uma realidade que viveram e que os marcara profundamente? Intuição da proximidade da morte e desejo de retornar à origem? Ela, Clarice Lispector; ele, Osman Lins: dois autores e uma só cidade<sup>50</sup>.

Sim, agora quase penso: Como não incidiria então precisamente sobre ela seu texto crítico que, sob o título “O tempo em Feliz aniversário”, é publicado na Revista *Colóquio Letras* 19, de Lisboa, em maio de 1974? Por essa época, ele andava a ensinar em Marília. Vamos encontrar algo que nos interesse em relatório de **Atividades Docentes**, entregue à Faculdade de Letras de Marília no início de 1972. Tal relatório - referente aos cursos que oferecera nos dois anos anteriores - tinha como objetivo ilustrar o requerimento que fizera para sua recontração como professor titular da cadeira de Literatura Brasileira. À p. 2 do relatório, lê-se: “Em 1971, tive oportunidade de estudar, no 3<sup>o</sup> ano, os seguintes autores: Machado de Assis, Lima Barreto, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Clarice Lispector e João Cabral de Melo Neto. Sempre que possível, procurei relacionar cada uma das obras estudadas (isto no caso das obras de ficção) com um determinado aspecto estrutural da narrativa. (...) sendo Clarice Lispector o último autor de ficção estudado, aproveitei para concentrar, na análise dos contos de

---

<sup>50</sup> Os dados biográficos de Clarice Lispector e de Osman Lins foram recolhidos, respectivamente, de: GOTLIB, 1995 e IGEL, 1988.

*Laços de Família*, ao lado do problema do tempo, outros aspectos estruturais já vistos no Curso<sup>51</sup>”.

Ora, a primeira coisa que daí se infere é que ele decerto apreciava a literatura de Clarice ou não a levaria para a sala. Machado e Lima, sabemos com certeza serem autores de sua predileção, os dois sempre comentados por ele. “Missa do galo”, por exemplo, lhe serviu de mote para a organização de uma antologia, junto com Julieta de Godoy Ladeira, sua segunda esposa, também escritora, em 1977. Reunindo outros autores convidados pelo casal, a publicação traz releituras do conhecido conto de Machado. Escreve Lins na Apresentação: “Em 1964, eu e Julieta de Godoy Ladeira combinamos escrever, cada um a seu modo, novas versões de um conto de Machado de Assis, considerado por todos autêntica obra-prima e cuja poesia, com o passar dos anos, parece intensificar-se: “Missa do Galo””. Ora, fica patente aqui sua admiração pelo autor, mesmo sentimento que teria mais adiante por Lima Barreto, cuja obra tornou-se objeto de sua tese de doutorado, defendida em dezembro de 1973. É natural, pois, que admirasse a obra dos outros citados no relatório, aí incluída a de Clarice. Isso se confirma quando lemos trecho de uma das inúmeras entrevistas que concedeu e em que falava sobre o leitor brasileiro:

O que parece haver é que há uma falta de hábito do leitor, mesmo do leitor ilustrado, de ler as coisas em profundidade. A verdade é que nós estamos imensamente, perniciosamente, habituados a uma leitura da literatura epidérmica. Os grandes nomes que dominam o mercado editorial brasileiro são construtores de uma literatura epidérmica, de uma literatura imediata, que se esgota” (LINS, 1979, p. 221).

Ao ser perguntado pelo entrevistador sobre quem no Brasil não estaria fazendo esse tipo de literatura, ele dirá: “A Clarice Lispector, mesmo o Dalton Trevisan, o Sérgio Sant’Anna”.

A segunda coisa que capta nossa atenção no relatório acima citado é o livro de contos de Clarice por ele usado nas aulas, justo *Laços de Família*, aquele em que se insere o conto por ele analisado. E mais: analisado sob a mesma ótica com que o teria apresentado aos alunos, a do tempo literário.

---

<sup>51</sup> Documento depositado no arquivo da Biblioteca da Faculdade de Letras de Marília (UNESP-SP).

Mas passemos à publicação. O fato de ter sido escrita e publicada, fruto de escolha do autor, já é suficiente para nos assegurarmos de que ele a admirava como prosadora e queria deixar patente tal admiração. Fazia parte de seu modo ético de ser deixar transparecer para os demais a sua eleição. E essa admiração é ainda engrandecida pelo fato de que ele reconhecia ser uma literatura muito diversa da sua, assim como que afirmando que havia muitos modos de expressão dignos de serem acolhidos pelos leitores. Na mesma entrevista já citada, ao responder a Gilberto Mansur que perguntara se considerava sua obra clara e direta do ponto de vista do leitor, diria:

O que eu quero dizer, quando falo em nitidez, é uma maneira direta de expressão, visual, imediata, referencial também, talvez até principalmente. Mas deixa eu fazer uma comparação da minha literatura com a de Clarice Lispector, por exemplo. A literatura de Clarice Lispector é uma literatura que não corresponderia a esse meu projeto, é uma literatura que se propõe com uma escassa nitidez, que não é direta, não atinge o plexo solar, como diria o Henry Miller na sua correspondência com o Lawrence Durrell. Enquanto que a do Dalton Trevisan é. Talvez isso possa surpreender a muitos leitores. Mas eu acho a minha literatura muito mais próxima da do Dalton Trevisan, com todas as diferenças que existem, do que da de Clarice Lispector” (LINS, 1979, p. 213).

Fico pensando ainda em palavras ditas pelo Professor, personagem narrador de *A rainha dos cárceres da Grécia*, sobre o ato de tecer considerações críticas a respeito de um texto, quando então decide escrever sobre o romance inédito de sua amada, Julia Enone, morta dois anos antes: “Os textos: em princípio, doação universal. Se sobre ele opinamos ou se os iluminamos de algum modo – se fazemos com que se ampliem em nós -, operamos sobre um patrimônio coletivo” (LINS, 1986, p. 2). Esse era bem o espírito que o movia. Aliás será exatamente o verbo ILUMINAR que usará no início de seu texto crítico da *Colóquio*:

Narradora propensa a uma atitude filosófica, Clarice Lispector tem provocado principalmente estudos interpretativos. Procura-se **iluminar**, tornar mais próximas, as regiões quase sempre abissais onde arde a alma de suas personagens (LINS, 1974, p. 16).

E já que falei no Professor, há uma passagem do livro em que ele – comentando o romance – fala em Clarice. É quando desvela para o leitor que Julia pensa seu livro de maneira alusiva, longe da memória, povoando o hospício com figuras advindas do meio literário: “As celas, os pátios e as enfermarias do hospício estão abarrotadas de autores. Mortos e vivos. Do Padre Anchieta a Clarice Lispector” (LINS, 1986, p. 81).

Segunda a aparecer no Sumário, sob o rótulo de ENSAIO, a publicação de que falo aqui ocupa as páginas 16-22 da revista. Uma olhada rápida pela totalidade do sumário nos informa que outros autores muito próximos a Osman Lins também aí se encontram: Hermilo Borba Filho, Laís Corrêa de Araújo, Carlos Felipe Moisés. Quase uma confraternização entre amigos. Refere-se Osman a Clarice como sendo autora “propensa a atitude filosófica”, “criadora dum mundo altamente pessoal” e, ao seu livro de contos *Laços de Família*, como “uma das mais importantes coletâneas do gênero em nossa literatura”. Cita, de saída, vários estudos sobre sua obra (“não faltam análises agudas e bem fundamentadas sobre a escritora”), mas, segundo ele, a bibliografia disponível sobre ela “se ressentia de investigações que nos elucidem quanto à sua ciência da arte de compor”. Sim, de fato esse aspecto sempre o seduzira, a ponto de ter originariamente intitulado seu romance *Avalovara* de *Alegoria da arte de escrever um romance*, por se constituir essencialmente na tarefa de levar o leitor à percepção de como funciona a criação artística.

Ele nos chama a atenção para a palavra *ciência*, por ele usada quando se refere à arte de compor, questionando aí a justeza de seu emprego. Mais uma década, exatamente, e no Brasil surgiram as primeiras ideias (importadas da França) a respeito da Crítica Genética, sem sombra de dúvida, segundo pesquisadores que a praticam, um caminho seguro para a compreensão do texto literário numa chave mais profunda. Em seu livro *Crítica genética* - uma introdução, Cecília Salles trata esse novo tipo de abordagem do texto literário como uma ciência nova, tomando como base o pensamento de Charles S. Peirce, que concebe ciência como um empreendimento de busca interminável, feito por um grupo de pessoas motivado pelo desejo da descoberta ou pelo impulso de penetrar a razão das coisas (SALLES, 1992, 13). Ora, é justo o termo *gênese* a ser lançado à página

por Lins: “Escreve sobre a gênese e a elaboração de “Feliz Aniversário” a própria Clarice Lispector, em *A legião estrangeira*”:

O que me lembro do conto “Feliz Aniversário”, por exemplo, é da impressão de uma festa que não foi diferente das outras de aniversário: mas aquele era um dia pesado de verão, e acho até que nem pus a ideia de verão no conto. Tive uma “impressão”, de onde resultaram algumas linhas vagas, anotadas apenas pelo gosto e necessidade de aprofundar o que se sente. Anos depois, ao deparar com essas linhas, a história inteira nasceu, com rapidez de quem estivesse transcrevendo cena já vista – e o entanto nada do que escrevi aconteceu naquela ou em outra festa. Muito tempo depois um amigo perguntou-me de quem era aquela avó. Respondi que era a avó dos outros. Dois dias depois a verdadeira resposta me veio espontânea, e com surpresa: descobri que a avó era minha mesma, e dela eu só conhecera, em criança, um retrato, nada mais (LINS, 1974, p. 17).

Para Osman Lins, haveria, em certos criadores, o que ele denomina de sabedoria artesanal, “desenvolvida ou completada por instrumentos secretos”, responsável “pelo ajustamento perfeito que se observa entre os elementos que compõem quase todos os contos de Clarice Lispector, notadamente os de *Laço de Família*”. Fico a imaginar o quanto tudo isso não terá calado fundo nele mesmo, não apenas por lhe interessarem assuntos que tivessem a ver com o processo de criação, mas também por envolver o conto a avó da autora (ele que fora criado pela sua e escrevera em sua homenagem “Retábulo de Santa Carolina”), além do então comunicado por Clarice, de que só conhecera a avó de retrato, quando ele, Osman, passara toda a vida em busca de um que lhe mostrasse o rosto nunca visto de sua mãe.

Dou-me conta, folheando *A rainha dos cárceres da Grécia*, em busca de alguma citação, que ele dera início ao romance em abril de 1974 (embora seu plano manuscrito com anotações para a obra nos deixe claro que já pensava no romance há algum tempo), à época mesmo da publicação do texto na *Colóquio* (maio de 1974). E não é que leio, à p. 9, as palavras do Professor sobre o objetivo maior de seu ensaio crítico sobre o livro deixado por Júlia Enone?

Quando tudo faz supor termos nas mãos uma obra convencional, ocorre o inverso. Isto porque a narradora empenha-se em dissimular os seus achados. Se nos escapa esse traço, fundamental na romancista, avaliaremos incorretamente o livro. Descobrir nele **o que há de elaborado e pessoal** – e as minhas descobertas nesse campo, até agora descontínuas e indisciplinadas, deixam apenas entrever aqueles veios encobertos – será o objetivo principal do meu ensaio ou que outro nome tenha<sup>52</sup> (LINS, 1976, p. 9).

Encantam-me, pois, que me concedem a certeza de que todas as palavras do autor são intercambiáveis, no sentido de que tanto podem passar do romance ao texto que ele prepara para a revista portuguesa, como desse texto para a sua ficção. Afinal, como escrevi lá em cima, ele nos fala das qualidades de Clarice: no que há de pessoal (criadora dum mundo altamente pessoal) e de elaborado (sabedoria artesanal completada por instrumentos secretos).

Passo então a discorrer sobre o que Lins considera o fulcro mesmo de sua análise de “Feliz Aniversário”: a questão do tempo. À página 18, escreverá:

Narra o conto, pela voz dum narrador onisciente, a insensata festa com que se comemora o aniversário duma velha: seu 89º aniversário. Assim, pelo título e pelo tema, eis-nos diante duma narrativa dominada pela presença do tempo. Não se trata apenas dum aniversário, mas do aniversário duma anciã, de alguém que ainda contempla a família apaixonadamente, com desprezo e ódio, mas ao mesmo tempo do outro lado duma fronteira invisível, da morte e da eternidade, onde as palavras quase não existem mais. O tema do tempo, que, no aniversário dum jovem, poderia ser pouco importante, adquire, com a velha, um peso por vezes insuportável: a festa gira em torno dum ser quase nonagenário (LINS, 1974, p. 18).

Fosse eu analisar o mesmo texto de Clarice e o resultado seria diverso. Poderia até me referir ao tempo (categoria narrativa a que não é possível fugir em texto que insinua a proximidade da morte e a brevidade da vida), mas enfocaria primordialmente a questão aparência *versus* essência, flagrante em várias passagens do conto, de que dou um exemplo:

---

<sup>52</sup> Grifos meus.



Mas ninguém poderia adivinhar o que ela pensava. E para aqueles que junto da porta ainda a olharam uma vez, a aniversariante era apenas o que parecia ser: sentada à cabeceira da mesa imunda, com a mão fechada sobre a toalha como encerrando um cetro, e com aquela mudez que era a sua última palavra. Com um punho fechado sobre a mesa, nunca mais ela seria apenas o que ela pensasse. Sua aparência afinal a ultrapassara e, superando-a, se agigantava serena (LISPECTOR, 1978, p. 71).

Lins, todavia, era estudioso de teoria literária, por vários motivos, como se pode ver ainda hoje no que restou de sua biblioteca e que se divide entre os arquivos da Fundação Casa de Rui Barbosa no Rio e do Instituto de Estudos Brasileiros na USP. Professor de nível superior sem ter a devida licenciatura (graduara-se em Ciências Contábeis, levado pela família que vislumbrava para ele uma carreira no Banco do Brasil), fora escolhido entre os candidatos ao cargo de Professor Regente da Cadeira de Literatura Brasileira na Faculdade de Letras de Marília, em 1969, por “toda a sua vivência e conhecimento (...) conforme registra seu currículo”<sup>53</sup> e, naturalmente, sentia necessidade de estar atualizado na matéria a fim de dar conta da tarefa que se impusera. Além disso, ou talvez fosse melhor dizer até por isso (pois o período da fatura de *Avalovara* corresponde justamente a esse de sua passagem por Marília, ou seja, 1969-1972), o romance tenha reunido não apenas o interesse do escritor acerca do tema da criação que já se manifestara desde o livro anterior, *Nove, novena*, mas também um saber adquirido e diariamente visitado para fins de ensino (e, claro, por conta de sua curiosidade sem fim que o levava a tudo estudar) que resultou na sua “alegoria da arte de escrever um romance” e em que nós, leitores, nos apercebemos do quanto pontualmente as categorias literárias aí estão postas: espaço e tempo, personagens, enredo, foco narrativo, todos presentes ainda no romance seguinte, de 1976, *A rainha dos cárceres da Grécia*. Natural, portanto, que, ao analisar o conto de Clarice (aliás apresentado aos alunos sob a mesma ótica), enxergasse aí – “conto impregnado pelo tempo” - tal categoria literária.

---

<sup>53</sup> Cf. Parecer Conclusivo do Departamento de Letras da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília sobre os candidatos apresentados à vaga de Professor de Literatura Brasileira. Documento depositado no Arquivo da Biblioteca da Faculdade de Letras (Marília), constante do processo 534-80, fls. 06-07.

Sente ele, a certa altura de seu texto crítico, necessidade de estabelecer uma distinção entre o que seria o tema central do conto e a sequência cronológica dos acontecimentos que aí se desenrolam: “Como se apresenta, neste conto sobre o tempo, a estrutura temporal?”, sem, entretanto, classificar essas duas vertentes do que hoje se convencionou chamar **tempo da história**<sup>54</sup>: a da vivência do tempo como parte inalienável da existência e, naturalmente, do ato de narrar e a da sucessão temporal que, segundo Lins, “inicia-se com a chegada da família (‘A família foi pouco a pouco chegando’), para uma reunião que não se sabe bem qual seja (...)” (LINS, 1974, p. 19).

No último parágrafo de seu texto, Lins escreverá:

O breve parágrafo final da narrativa, com apenas três frases aparentemente desconexas, constitui o seu resumo: “Enquanto isso, lá em cima, sobre escadas e contingências, estava a aniversariante sentada à cabeceira da mesa, erecta, definitiva, maior do que ela mesma. Será que hoje não vai ter jantar, meditava ela. A morte era o seu mistério”. À rasteira indagação da personagem sobre o jantar, sucede-se o comentário do narrador invisível: “A morte era o seu mistério”. A oposição entre o imediato e o transcendente apenas repete e amplia o feliz contraste da bela expressão que confere ao início do parágrafo uma estranha poesia: “sobre escadas e contingências”. Fundem-se aqui, como no conto, o peso da carne e o peso do espírito, as necessidades banais e a transcendência, e se a velha “erecta, definitiva” é “maior que ela mesma”, é que na sua figura se concentram intenções e perplexidades que a ultrapassam. (...) Quanto à morte, seria apenas o seu mistério? A morte é o seu mistério, sim, mas também e mais ainda o mistério deste conto, todo ele construído sobre escadas e contingências, a morte, para a qual o tempo arrasta os homens, de que são degraus os aniversários (a escada, a escada escura) e que, invasora, muitas vezes instala-se de véspera entre os vivos (LINS, 1974, p. 22).

Sem saber, falava já por eles. E confesso: de propósito deixei enorme a citação acima, não somente por dela necessitar para escrever este parágrafo, mas para que também fosse possível ao leitor a apreensão da visão crítica de Lins e de seu estilo tão único e admirável. Tomo nas mãos o texto de “Retábulo de Santa Carolina”, conto escrito

---

<sup>54</sup> Cf. REIS, 1990 para maior compreensão das categorias narrativas.

por ele em homenagem à avó paterna (como o era a de Clarice<sup>55</sup>) que o criara depois da morte de sua mãe, em que vou encontrar palavras ou ideias por ele usadas em seu texto crítico: mistério, transcendência (“Acabei achando que Joana Carolina foi minha transcendência, meu quinhão de espanto numa vida tão pobre de mistério”), o peso da carne, o peso do espírito (“a parte de chifre, a parte de asa”). Acredito que todo esse texto tenha lhe vindo à mente, diante do contexto do conto de Clarice, como se ele lesse nas linhas dela o que ele antes escrevera, sua leitura resultando de sua vida, como de resto é toda leitura. Novamente não consigo me subtrair às palavras do Professor:

Possível, também, (...) que eu apenas construa, sobre o romance da minha amiga, outro romance, outra amiga, à imagem de modelos que ignoro e, mesmo assim, governam-me. Ou o que procuro iluminar é o meu próprio rosto? Como o velho Montaigne (“sou eu quem eu retrato”) (LINS, 1976, p. 185).

Nesse “encontro feliz de circunstâncias”, em que tenho como leitora a oportunidade de ouvir a voz de um escritor a propósito da obra de alguém que compartilhou com ele tempo e espaço em nossa literatura, e ainda a de perceber que são tão próximos um do outro sem que sequer se deem conta, me pergunto como foi possível que partilhassem os mesmos sentimentos e até as mesmas palavras para expressar esses sentimentos e só encontro a resposta nas palavras do Professor de *A rainha dos cárceres da Grécia*: “Para acrescentar por artes do imaginário, tais ocorrências; para contrapor, ao que tão depressa nos foge, uma espécie de eternidade” (LINS, 1976, p. 140).

## REFERÊNCIAS

GOTLIB, Nádía B. *Clarice: uma vida que se conta*. São Paulo: Ática, 1995.

IGEL, Regina. *Osman Lins: uma biografia literária*. São Paulo/Brasília: T.A.Queiroz/ INL, 1988.

LINS, Osman. O tempo em “Feliz Aniversário”. *Revista Colóquio Letras* 19, Lisboa, maio de 1974, pp. 16-22.

\_\_\_\_\_. *A rainha dos cárceres da Grécia*. Rio: Ed. Guanabara, 1986.

---

<sup>55</sup> Cf. GOTLIB, 1995, p. 330.

\_\_\_\_\_. *Evangelho na Taba: Problemas inculturais brasileiros*. São Paulo: Summus, 1979.

LISPECTOR, Clarice. Feliz Aniversário in *Laços de Família*. Rio: José Olympio Editora, 9. ed. 1978, p. 59-75.

REIS, C. e LOPES, A.C.M. *Dicionário de Narratologia*. Coimbra: Almedina, 1990.

SALLES, Cecília A. *Crítica genética - uma introdução*. São Paulo: EDUC, 1992.